

informação 5

A Eiscef

IMPrensa

NOV.

1968

ESTE ANO, AS AULAS COMEÇARAM UM MES MAIS TARDE: A QUE SE DEVERÁ TAL FACTO? QUE RAZÕES, QUE ARGUMENTOS, SE ENCONTRAM PARA O JUSTIFICAR?

O começo tardio do ano lectivo representa razão dada às suas causas próximas, a incapacidade total, temporária, de uma instituição que se atarda.

As aulas só agora começam porque não há instalações para todos os estudantes.

Que mesquinha situação é (foi) esta em que a Universidade se não cumpre, visivelmente? Que confusa influência se move quando os professores o não são porque não podem ensinar?

("Até é bom", dirão novos alunos, ainda desconhecedores do que, por cá, se vai "gastando" nesta matéria e das desastrosas consequências que este facto nos virá impor).

Com "salas novas" se pretende, anualmente atamancar uma situação insustentável. (a propósito, uma pergunta: ainda virá longe o tempo em que nos será dado assistir ao escândalo da construção de barracões no jardim do Instituto, à maneira de aulas?). Enquanto o mobiliário não vinha e um ensino (?) não vinha (nem vem), de todo, foi-se entrando por Novembro afora.

Agora que as aulas começaram só queremos colocar uma questão: são as matérias reduzidas? ou serão fornecidas a velocidade superior à habitual exigindo mais rápida assimilação (não excluindo, neste caso, a hipótese de os professores virem a considerar uma questão menor o grau de assimilação daquilo que ensinou)? ou será, ainda, adoptado o método de, perto do fim do ano, dar aulas extraordinárias para comportar a desproporção de matéria (neste caso, teremos de temer seriamente, por exemplo, pelo Dr. Madureira,



um dos regentes de Mat. Gerais: é que, mesmo sem estas trapalhadas dos atrasos, quando se aproxima a época estival já nos habituou a dar montanhas de horas extraordinárias para garantir toda a (sua) matéria. Perguntasse: como é que vai haver tempo? Já não se pergunta se tal facto, com ou sem atrasos, tem sido, ou não, legal, legal...).

As aulas começaram. As razões visíveis do impedimento foram ultrapassadas. Mas é este um ensino que interesse, amante da verdade, digo, pedagogicamente primitivo? Não será que existem razões impeditivas de um bom ensino com existência tão real como a das acima citadas, se bem que menos visíveis?

Em última análise, a resposta cabe-te a ti, a nós todos.

CASO INDUSTRIAL

Logo no princípio do ano, soube-se que os alunos do industrial estavam a fazer grandes plenários e que a luta por melhores condições estava a ser encarada duramente. Impõe-se saber por que protestam e o que pretendem.

Dizer que as suas instalações são péssimas além de ser pouco, não significa muito para nós, uma vez que as nossas também o são, só que as do Industrial são ainda mais péssimas. As aulas são dadas ou em velhas salas de um palacete ou então em barracões pré-fabricados. Os laboratórios não têm qualquer segurança e os alunos não estão cobertos por nenhum seguro contra desastres durante as aulas. Todos nos lembramos da explosão que no ano passado atingiu diversos alunos e alunas uma das quais ficou com a face deformada. Evidentemente que esta colega não espera nenhum auxílio oficial pelos prejuízos que sofreu, ficando poiso ensino nacional com o novo tipo de aulas " com perigo de morte ou ameaças à integridade física".

Os problemas pedagógicos do I. I. L. são inúmeros: desde horários feitos segundo as conveniências dos professores o que provoca "buracos" ao longo do dia, fazendo o aluno permanecer no Instituto muitas vezes das oito da manhã às oito da noite, até à existência escandalosa de professores que não sabem a matéria dos programas, de tudo há no Instituto Industrial de Lisboa. Não existe ligação prática-teórica, não existe ligação com o Instituto do Porto, a tabela de precedências é completamente incoerente, os exames não têm

prova oral e na escrita não se admite que o aluno peça revisão de provas. Assim as reprovações chegam frequentemente a 80%. Tudo o que seja invenção moderana ou antiga de prejudicar o aluno, de tudo isso existe e é parte muito importante do curso.

Logo no princípio do ano, os alunos decidiram que era a altura de começar a encarar as coisas seriamente, já que se esperassem pelas "altas esferas governamentais" para resolver os seus problemas, teriam certamente muito que esperar.

Realizaram-se diversas reuniões numa das quais, 400 alunos tentaram entregar a um Subsecretário do Governo da Nação que estava de visita, uma exposição acerca das condições do Instituto. S.Ex.^o fugiu prudentemente, auxiliado pelo Director do I. I. L., por uma porta lateral, não fossem os alunos cometer o "grave" delito de lhe entregar uma ou duas folhas de papel. Estes depois de correrem um bocado, conseguiram ver desaparecer ao fundo da rua, a traseira lusidã do carro fugitivo da aliviada S.Ex.^o.

No entanto dois elementos da Comissão de Actividades Reivindicativas, CAR - comissão que tinha sido eleita pelos estudantes numa reunião geral - foram recebidos no Ministério da Educação Nacional. A CAR prepara agora um documento objectivo que será enviado ao MNE, vendo-se depois se as promessas se tornam algo verdadeiras. No entanto os estudantes do IIL não parecem dispostos a continuar com tal situação.

A TOMADA DA

No dia 25 de Novembro de 1920 um grupo de estudantes ocuparam o Instituto, sede do clube dos lentes, e da Associação de Estudantes, ocupação essa que veio a ser reconhecida pelas autoridades, verificando-se a partir daí um novo sopro de vitalidade na vida associativa.

Todos os anos se tem comemorado esse acontecimento adquirindo um muito maior significado específico desde que foi imposta a

Comissão Administrativa. Este ano em que se anuncia a normalização da vida associativa em Coimbra um novo conteúdo deve ser dado a este importante acontecimento da vida universitária, exigindo-se intensa participação estudantil a nível nacional.

Assim, realizar-se-á este ano um almoço e concentração na Cantina seguindo-se um Sarau num teatro da cidade, culminando com o tradicional cortejo ao longo da cidade.

BASTILHA

reforma^a do ensino



Eu confesso não ser talvez competente para avaliar estas questões d'Ensino e d'Educação. A pobreza de meus paes não me permitiu a honra vantajosa de ser bacharel, mas tendo convivido com tantos homens ilustres, eu sou como aquele antigo fabricante d'ídolos, que, à força de viver entre eles, guardava nas mãos e na túnica alguma coisa do seu dourado. Além d'isso, n'este assumpto, como em todos, sigo, por admiração muda o reconhecimento correcto, as idéas e opiniões do Conde d'Abranhos.

A primeira vantagem da Universidade, como instituição social, é a separação que se forma naturalmente entre estudantes e futricas, entre os que apenas vivem de resolver idéas ou theorias e aqueles que vivem do trabalho. Assim, o estudante fica para sempre penetrado d'esta grande idéa social: que ha duas classes - uma que sabe, outra que produz. A primeira, naturalmente, sendo o cerebro, governa; a segunda, sendo a mão, opera, e veste, calça, nutre e paga a primeira.

Dous mundos - como diz o nosso poeta Gavião - que se não podem confundir e que, vivendo áparte, com fins diferentes, caminham paralelamente na civilização, um com o título egregio de Bacharel, outro com o nome emblematico de Futrica. Bachareis são os políticos, os oradores, os poetas, e, por adopção tacita, os capitalistas, os banqueiros, os altos negociadores. Futricas são os carpinteiros, os trolhas, os cigarreiros, os alfaiates... O Bacharel, tendo a consciência da sua superioridade intelectual, da autoridade que ela lhe confere, dispõe do mundo; ao Futrica resta produzir, pagar para que o Ba-

Uma falsa noção, a propósito da democratização, é a obrigação que teria todo o adolescente de seguir a via que as suas capacidades justificassem. A noção de "liberdade" deve-se considerar aqui. Cada um é livre de escolher o que mais lhe agrada. Ainda que isso se possa fazer, o meio-ambiente continuará a exercer uma certa pressão implícita quanto à orientação da vida tanto profissional como religiosa ou política... É um facto social. Em condições económicas iguais na maioria dos casos, os jovens continuarão a carreira dos ascendentes. O que se deve então tentar realizar, é aproximar as condições de existência das diversas profissões, que são todas necessárias, assegurar uma vida digna e satisfações morais e intellectuais aos trabalhadores manuais. Se existirem inteligências excepcionais, tentar encontrá-las suficientemente cedo a fim de que elas possam ser um benefício para toda a colectividade. É o problema da verdadeira selecção das elites.

Mas criar na massa a mentalidade que consiste em considerar as actividades não manuais como superiores socialmente e mais vantajosas sob todos os pontos de vista, é contrariar a sociedade inteira e preparar os exércitos de irados, de grevistas, de insatisfeitos e de "desadaptados" parasitas e improdutos. Donde a imperiosa necessidade de fazer convergir os nossos esforços para o melhoramento e a humanização do ensino técnico e profissional.

(...) Estatísticas recentes revelam os factos seguintes: em França uma percentagem reduzida de filhos de operários e de camponeses frequenta a Universidade, enquanto que essas classes sociais constituem mais de me-





charel possa viver, e rezar ao Ser Divino para que proteja o Bacharel.

O Bacharel, sendo o Espírito, deve impedir que o Futrica, que é apenas a Materia, aspire a viver como ele, a pensar como ele, e, sobretudo, a governar como ele. Deve mante-lo portanto no seu trabalho subalterno, que é o seu destino providencial. E isto porque um sabe e o outro ignora.

Esta idéa de divisão em duas classes é salutar, porque assim, educados n'ella, os que sahem da Universidade não correm o perigo de serem contaminados pela idéa contrária - idéa absurda, athea, destruidora da harmonia universal - de que o futrica pôde saber tanto como sabe o bacharel. Não, não pode: logo as inteligencias são desiguaes, e assim fica destruido esse principio pernicioso da egualdade das inteligencias, base funesta d'um socialismo perverso.

Como pôde realmente o homem que todo o dia trabalhou no seu tear, e à noite, depois do caldo de couves, dormiu do somno brutal da fadiga physica, participar do governo da cousa publica - como esse outro homem que conhece as linguas, tem os principios da Introdução aos tres reinos, estudou o Direito Romano, se penetrou do Direito Canónico, leu os poetas do seculo, discutiu as leis no Parlamento, fez administração nas Secretarias

Irrisão

Outra vantagem da Universidade é a organização dos seus estudos. O Conde considerava-a admiravel e a melhor garantia da Idéa Conservadora. E aqui copio textualmente o relatório que acompanha o seu notável Projecto de Reforma do Ensino:

"Têm alguns espíritos, ávidos de innovação, ainda que no fundo sinceramente affeigoados aos principios conservadores, sustentando que o systema da Sebenta (como na sua jovial linguagem lhe chama a mocidade estudiosa) é antiquado. Eu considero, porém, a Sebenta como a mais admirável disciplina para os espiritos moços. O estudante, habituando-se, durante cinco anos, a decorar todas as noites, palavra por palavra, paragraphos que ha quarenta annos permanecem



tade da população; uma percentagem elevada (70%) provém da burguesia e da aristocracia que não representa senão 1/3 da população. E isto apesar das grandes facilidades actuais concedidas aos estudantes desprovidos de proventos materiais.

Parece-nos pouco razoável querer fazer na Universidade, quanto à origem social dos estudantes que a frequentam, uma redução rigorosamente proporcional às classes da sociedade, sob o pretexto de igualdade democratica. É preciso, sem dúvida, ter em conta os principios, mas não se devem fechar os olhos às realidades. Estamos persuadidos de que, mesmo que as facilidades de acesso ao ensino fossem absolutamente iguais para todas as classes sociais, as escolas superiores não reflectiriam certamente, a composição da sociedade. Por quê?

A orientação profissional obedece a outros determinantes para além das aptidões intellectuais. O meio familiar, as tradições, os gostos pessoais, os motivos affectivos, exercem uma influéncia que não se deve negligenciar. Além disso, há uma certa selecção intellectual natural, os filhos de pais que atingiram uma categoria social mais elevada, são em geral, mais inteligentes. É necessário que nos compreendamos bem: há certamente mais pais dotados nas profissões liberais, agora pelo menos, do que nas profissões manuais porque a hereditieriedade manifesta os seus efeitos, e as estatísticas provam-no: não é necessário portanto espantar-mo-nos ao ver essas classes sociais contribuirem cada vez mais no recrutamento das "elites" intellectuais.

DO PROJECTO DO ESTATUTO DA EDUCAÇÃO NACIONAL, M. E. N.

immutaveis, sem os criticar, sem os comentar, ganha o hábito salutar de aceitar sem discussão e com obediencia as idéas preconcebidas, os principios adoptados, os dogmas provados, as instituições reconhecidas. Perde a funesta tendencia - que tanto mal produz - de querer indagar a razão das cousas, examinar a verdade dos factos; perde emfim o ha-

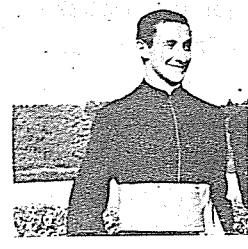


a morte de daniel teixeira

No dia 24 morreu, quando ia a caminho do Hospital de São José, o estudante Daniel Teixeira que se encontrava preso em Caxias há três meses para "averiguações". A causa da morte segundo o comunicado da PIDE de 25/10/68 era "asma-bronquica". Ora em condições normais ninguém morre de asma bronquica. As causas da morte eram obviamente outras. Perante isto realizou-se no dia do enterro uma manifestação de silêncio frente à Igreja de S. João de Deus, onde se encontrava o corpo, e o cemitério de Benfica tendo aí a polícia dispersado à matracada os manifestantes. Uma semana depois realizou-se no Terreiro do Paço, com a presença de várias centenas de pessoas, uma manifestação de apoio à exigência de abertura de um inquérito. Esta manifestação foi também dispersada pela polícia que agrediu vários estudantes.

Perante a gravidade destes factos decidiram as AAEE como legítimas representantes dos estudantes enviar uma carta aberta ao Presidente do Conselho onde exigiam a imediata abertura de um inquérito relativo a este e outros casos semelhantes que se passaram na PIDE. Também os estudantes do I.S.C.E.F. em Reunião Geral de Alunos enviaram ao Presidente do Conselho, e aos Ministros do Interior e da Educação Nacional um telegrama exigindo a abertura de um inquérito às actividades da PIDE.

Até hoje esse inquérito não foi aberto. Um



O JULGAMENTO NO PLENÁRIO

No Plenário Criminal da Boa Hora teve lugar, ontem, sob a presidência do desembargador dr. António de Almeida Moura, o julgamento dos srs. Rui Lopes Cardoso, Jorge Manuel Sênica Galamba Marques, José Manuel Pichão de Abreu, Fernando António Brederode Rodrigues dos Santos, António Maria de Sousa Almeida, Alexandre José Alhinho Martins de Oliveira e Carlos Alberto Quintas Cardoso Furtado, acusados de pertencerem à Frente da Acção Popular (F. A. P.) e terem desenvolvido actividades contra a segurança do Estado.

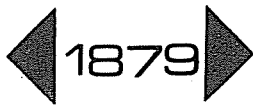
O Tribunal deu como provada a incriminação e condenou: o primeiro, em catorze meses de prisão correcional suspensos por cinco anos, pelo que saiu em liberdade; o segundo, em dezoito meses de prisão; o terceiro, em vinte meses de prisão; o quarto, em quatro anos e meio de prisão maior; o quinto, em vinte e quatro meses; o sexto, em três anos e meio de prisão maior, e o último, em dezoito meses de prisão. O quinto foi também condenado em seis meses de multa a 20\$00 por dia. Cada um no pagamento do mínimo de imposto de justiça.

Os condenados srs. Fernando António Brederode Rodrigues dos Santos; e Alexandre José Alhinho Martins de Oliveira (que contraiu, como noticiámos, matrimónio na cadeia de Caxias), sofreram também medidas de segurança de internamento por períodos prorrogáveis de seis meses a três anos e perda de direitos políticos por quinze anos.

Os restantes cinco, com penas correcionais, tiveram perda de direitos políticos por cinco anos. Com excepção do sr. Rui Lopes Cardoso restituído à liberdade, os outros voltaram para a cadeia a fim de cumprir as penas aplicadas.

a morte de daniel teixeira

estudante foi morto em condições mais que estranhas. O Ministério do Interior limitou-se a apoiar a nota da PIDE quando em guarda a população contra os "subversivos" habituais que iriam "aproveitar" o caso para "especulações políticas". Parece este Ministério desconhecer o "tratamento" que é dispensado aos presos políticos e pela PIDE. Os "suicídios", os espancamentos, a tortura do sono, etc... são frequentes. Pedidos de abertura de inquérito às autoridades da PIDE vindos de organizações como a Or-



bito deplorável de exercer o livre-exame, que não serve senão para ir fazer um processo científico a venerandas instituições, que são a base da sociedade. O livre-exame é o princípio da revolução. A ordem o que é? - A aceitação das idéas adoptadas. Se se acostuma a mocidade a não receber nenhuma idéa dos seus mestres sem verificar se é exacta, corre-se o perigo de a vêr, mais tarde, não aceitar nenhuma instituição do seu paiz sem se certificar se é justa. Teríamos então o espirito da revolução que termina pelas catastrophes sociaes

Hoje, destruído o regimen absoluto, temos a feliz certeza de que a Carta liberal é justa, é sábia, é útil, e sã. Que necessidade ha de a examinar, discutir, verificar, criticar, comparar, pôr em duvida? O habito de decorar a Sebenta produz mais tarde o habito de aceitar a Carta. A Sebenta é a pedra angular da Carta. O Bacharel é o germen do Constitucional".

Conheço na philosophia contemporanea - sem mesmo exceptuar os livros dos Thiers, dos Guizots, dos Bastiats, dos Pagès - poucas paginas tao profundas. A phrase é tersa, viril, nobre, bem ponderada; a argumentação é sã e cerrada, inexpugnável; a idéa tem a solemnidade severa d'um dogma. Nobre pagina. E pensar que aquelle que a escreveu não escreverá outra, e repousa sob o pedestal da sua estatua, com as mãos em cruz, na terra bruta

dem dos Advogados têm sido sistemáticamente rejeitados. Parece também desconhecer o Ministério do Interior que a Declaração Universal dos Direitos do Homem declara expressamente o seu artº. 5º. que "ninguém será submetido à tortura, nem a penas e tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes".

Não podemos pois nós, estudantes fechar os olhos perante estes factos e a vida universitária não é susceptível de ser normalizada enquanto casos destes façam parte do quotidiano da vida nacional.

Não menos maravilhoso parecia ao Conde o systema das relações entre o estudante e o lente.

O habito de depender absolutamente do lente, de se curvar servilmente deante da sua austera figura, de obter por meio de empenhos que a sua severidade se abrande, fórma os espiritos no salutar respeito da auctoridade. O sentimento excessivo da dignidade pessoal leva ao amor exagerado da independencia civil. Casa um se torna por este modo o seu proprio dono, o seu chefe, o seu Rei, o seu Deus. É a anarchia. Assim educado, durante cinco annos, a curvar-se, a solicitar, a sorrir, a obedecer, a lisonjear, a suplicar, a depender, o bacharel entra na vida publica disciplinado, e, em lugar de ser o homem que quer tomar na vida o lugar que lhe convem (o que seria a desorganização das posições sociaes) vai humildemente collocar-se, com um sorriso, no lugar, na fila, no cantinho que lhe marcam os que governam. Assim se fórma uma imperecível harmonia social.

DO CONDE D'ABRANHOS, EÇA DE QUEIROZ

NO DIA 25, ECONÓMICAS ORGANIZA
UMA EXCURSÃO A COIMBRA COM
PARTIDA ÀS 7,30H.

Espanha é diferente

Transcrevemos a seguir, o texto de uma carta particular de um aluno da Faculdade de Ciências Económicas e Políticas de Madrid, a um seu colega português:

Madrid, 9/XI/68

"... as aulas em Ciências Económicas e Políticas começaram atrasadas porque os professores não numerários estavam em greve.

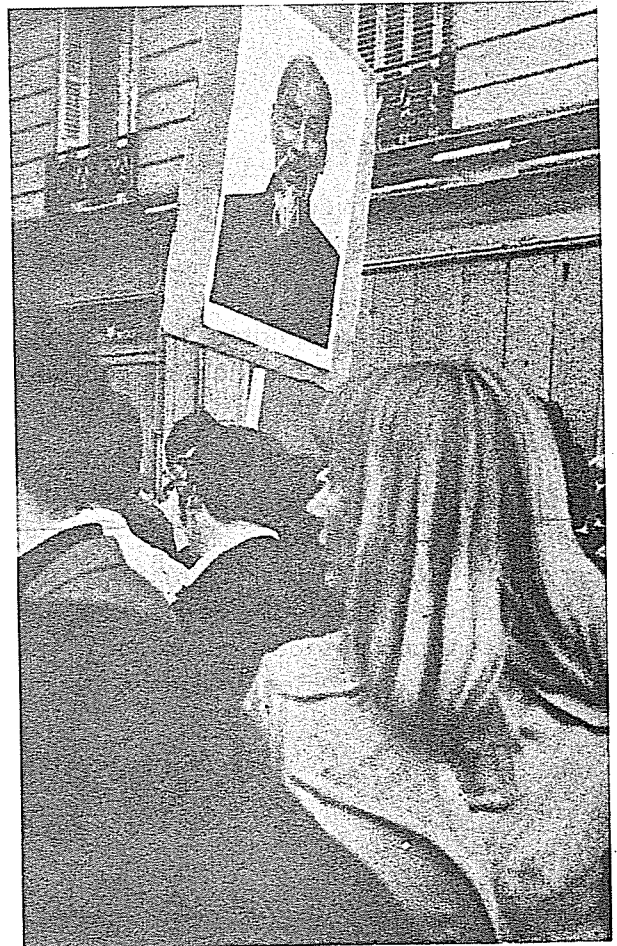
Depois começaram e falou-se da lei de Associação, que é um grande barrete para fogo de vista. Havia também sarilhos com indivíduos do ano passado que não podiam matricular-se este ano.

Depois começaram as assembleias de curso, de faculdade e de distrito universitário.

A informação dentro da Faculdade é muito boa: panfletos, murais, jornais, livros.

Fala-se dos mineiros em greve, fábricas, estado de excepção na Guipuzcoa (San Sebastian).

Anunciou-se uma homenagem ao poeta Leon Felipe, que foi autorizada pelo reitor, o qual disse que iria mesmo presidir à homenagem. A homenagem era na Fac. de Filo-



sofia. Depois de todos os anúncios foi proibida. O reitor de Filosofia disse que pediria a demissão. De todos os modos a homenagem fez-se no dia 5 deste mês.

Com motivo numa assembleia geral da Universidade prenderam o delegado e sub-delegado de Direito e o delegado de Económicas foi proibido de entrar na Faculdade.

Na terça-feira, dia 5, houve sarilho por causa dos presos em Direito, onde a polícia tinha entrado duas vezes.

Na quarta, dia 6, às 14 e 20 m entrou a polícia na nossa Faculdade (polícia de choque, brigada social) no fim duma assembleia de Faculdade.

No dia seguinte decretou-se greve geral ilimitado em Direito. Na 6ª. feira, dia 8, anunciou-se uma possível greve, se não se der o poder aos estudantes, ou se estes não o conseguirem pela força. Ontem e hoje (6ª. e sábado) a polícia manteve-se mais longes. A propaganda e a união são cada vez maiores.

Espanha Es Diferente

Nas outras universidades já houve barulho e aumenta de dia para dia.

(...)"

Por outro lado, numa nota oficial do Rectorado de Universidade de Madrid, publicada em 2 do mês corrente, na imprensa espanhola podia ler-se:

"El pasado jueves día 31, terminadas las clases que se habían dado com normalidad, el grupo de agitadores asalto violentamente el Decanato de la Facultad de Derecho, en que se encontraba el vice-decano, en función de decano, por ausencia autorizada del

titular, y después de destrozar el mobiliario y sin atender a los requerimientos al orden y a la paz que el vicedecano les hizo, se llevaron un retrato del Jefe de Estado, al cual prendieron fuego en el centro del "campus".

Este Rectorado, ante esta situación y ante tales hechos, estando en el deber de mantener el imperio de la ley y la seguridad personal de todos los universitarios, hace saber que no vacilará en adoptar cuantas medidas legales estén a su alcance para evitar que tales hechos queden impunes y puedan repetirse".

NÃO DEIXAM CANTAR O DR. JAFONSO

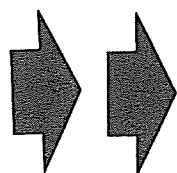
As perspectivas de que é vítima o doutor José Afonso continuam. Assim e depois de ter regressado de Moçambique, o Dr. José Afonso não tem sido deixado em paz. Primeiro impediram-no de ser professor em qualquer estabelecimento de ensino do país. Depois, e devido a ter actuado numa sessão cultural, no Barreiro, foi algumas vezes intimado a ir à PIDE e provocado por esta. Mais recentemente o "Diário de Lisboa" organizou o concurso para Rei da Rádio. Ao cabo de algumas semanas o Dr. José Afonso es ava em 1º. lugar com uma vantagem sobre o 2º. classificado de cerca de mil votos. Resultado: proi-

bido pela Censura o concurso. Por último foi anunciado nos jornais que o Dr. José Afonso ia actuar no Monumental. Posteriormente por determinação superior o espectáculo foi cancelado.

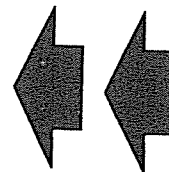
Todas as vezes que há um Festival da Canção queixam-se as autoridades, os jornais, os artistas, o público, etc... da mediocridade da canção portuguesa. Será que os portugueses são incapazes de compor boa música, de inovar?

O caso do Dr. José Afonso revela bem as razões porque a música ligeira portuguesa é tão medíocre.

DIA 25:



COIMBRA



TOMADA DA BASTILHA

* NORMAL IZAÇÃO ?

Para que possamos traçar a via possível da normalização da vida associativa, é de todo necessário fazer uma revisão, em traços gerais embora, da situação da Universidade.

Muito se tem falado e escrito sobre a crise da Universidade. E, de facto, ela sofre dum crise profunda que lhe vai minando as estruturas e a impede de cumprir a sua principal função - a formação de Homem pois que tecnocratas pior ou melhor sempre de lá vão saindo.

Porém a crise da Universidade Portuguesa não se compadece com reformas parciais; estas só adiam ou protelam a solução dos problemas; ela exige uma reforma de fundo, que não de textos, mas de conteúdo, de formação humana.

Numa das primeiras reuniões do actual Conselho de Ministros decidiu-se a feitura dum reforma de ensino. Ora nós pensamos e na linha sempre definida pelas AAEE, que a urgente necessidade da reforma do ensino, apenas poderá efectuar-se devidamente se a vida associativa for normalizada na Universidade.

Mas perguntar-se-á, o que há por normalizar ?

Como todos sabemos, há longa data, que ao movimento associativo têm sido impostos entraves de vária ordem, que a autonomia universitária é continuamente desrespeitada, que a Universidade é uma instituição anti-crítica, não admite a discussão dos problemas, antes procura impor ideias tradicionais, por mais absoletas que sejam. Senão vejamos. Os decretos do MEN que contra a vontade dos estudantes tentam impor estatutos às AAEE, desrespeitando alguns dos princípios básicos do movimento associativo como a democracia, a neutralidade política e religiosa são abundantes (lembremo-nos do 40 900, 44 632 e outros). Há comissões administrativas impostas a algumas Associações (Coimbra e Faculdade de Ciências de Lisboa); os dirigentes associativos muitas vezes por defendem a vontade expressa dos estudantes são

expulsos; as pró-associações, apesar de há muitos anos terem enviado ao MEN estatutos aprovados em reunião geral de alunos não são homologados; obrigatoriedade de homologação dos corpos gerentes das AAEE; enfim expulsões e processos disciplinares a professores e assistentes que ou discordam das orientações hierárquicas ou apoiam os estudantes nas suas lutas pedagógicas.

A nossa Universidade é assim uma instituição anti-democrática e toda a política do MEN tem sido conduzida com o objecto de amorfizar o estudante menos precavido. Enquanto essa política for seguida não poderão evitar-se os atritos entre as AAEE e as autoridades académicas visto que se contrapõem interesses e princípios, da parte das AAEE o interesse de formação integral do estudante, da Universidade a formação tecnocrata.

Porém, na tarde do dia 1 de Novembro saiu na imprensa uma comunicação oficial a anunciar a normalização da vida associativa na Academia de Coimbra e na Faculdade de Ciências de Lisboa... tendo sido as respectivas comissões administrativas encarregues de fazerem as diligências preparatórias do acto eleitoral.

Detenhamo-nos um pouco sobre esta notícia. Será ela um indício de normalização da vida universitária ?

Nós cremos que não, antes vimos nela uma medida subreptícia de continuar a amorfização. E vejamos porquê ?

Com a medida de antecipação, o Governo pretende parar o processo reivindicativo desencadeado em anos transactos pelos estudantes quer em Coimbra, quer na Faculdade de Ciências.

Este objectivo é claro pois os meios da anunciada "normalização" não são os que satisfazem os estudantes.

normalização?

Acaso caberia às C.A. diligenciar pela realização de eleições, quando essas mesmas C.A. não representam os estudantes, mas quem as empossou? Porque razão tal "normalização" não respeita a vontade dos estudantes uma vez que em Coimbra existe uma comissão pró-eleições representativa e na Faculdade de Ciências o movimento associativo?

Acaso as eleições far-se-ão conforme os estatutos aprovados pelos estudantes ou pelos estatutos do MEN, que violam os princípios da unicidade, neutralidade política e religiosa das AAEE e que no caso de Coimbra exigem a representação das minorias derrotadas, nos corpos gerentes?

A cantina

A CANTINA

No dia 13 de Novembro realizou-se uma reunião de comensais em que se analisou a situação da cantina de Económicas.

Após algumas informações sobre problemas afins de outras cantinas entrou-se no assunto.

Primeiro, foi dito que a decisão do Senhor Ministro de considerar a cantina também do Industrial é inaceitável, pois uma decisão destas pertence apenas aos estudantes de Económicas.

Segundo, entrando no assunto em análise - as deficiências de funcionamento da can-

Deste enumerar de factos, concluímos a demagogia latente na anunciada "normalização". Ora não nos podemos deixar enganar. Temos antes de exigir que se normalize, a sério, a vida universitária, como condição prévia e essencial da reforma do ensino.

É pois necessário:

- ouvir e atender os estudantes e os seus organismos representativos as AAEE.
- amnistias a estudantes expulsos.
- admitir os professores expulsos e exilados.
- respeitar a autonomia da Universidade.

tina - foi bem vincado que o problema só é resolúvel mediante a ampliação das instalações. Nesse sentido foi aprovada uma moção com o seguinte teor:

- No dia 14 começará a circular um abaixo assinado cujo texto será elaborado por uma comissão eleita na reunião em que se reivindicava o alargamento das instalações

- dali a 15 dias o abaixo assinado será entregue, à Direcção da escola pela Direcção acompanhado de concentração de comensais

- Posteriormente haverá reunião de alunos para análise da continuação do processo.

DIA 25

coimbra